

O papel do professor na desmistificação das cavernas contemporâneas

Pedro Henrique Bianco*

Introdução

Na contemporaneidade, todos nós estamos constantemente expostos às informações oriundas das mais diversas fontes, muitas das vezes com pouca ou nenhuma confiabilidade e que objetivam formar opiniões, influenciar padrões estéticos ou de comportamento ou vender a imagem do sucesso; enfim servir aos mais diversos interesses. Tais interesses podem ser virtuosos, mas isso está muito longe de ser uma regra.

Há mais de 2.000 anos, Platão escreveu, no Livro VII de *A República*, um dos mais conhecidos textos da filosofia ocidental, a *Alegoria da Caverna*. Nela o filósofo narra a trajetória de um homem que chega à revelação do conhecimento verdadeiro depois de ter fugido de sua prisão, no fundo de uma caverna onde se encontrava com seus pares, vendo apenas as sombras da realidade que eram projetadas na parede à sua frente.

Ao primeiro olhar, a exposição às mais diversas mídias eletrônicas e a *Alegoria da Caverna* não guardam uma relação de semelhança. Ao longo do presente artigo, no entanto, buscar-se-á estabelecer essa relação. Em um momento inicial, interpretando o texto platônico; em um segundo momento, fazendo uma breve análise da exposição às mídias sociais, sobretudo pelos mais jovens; e, por fim, chegando ao papel do professor no processo de desenvolver o senso crítico e a capacidade de buscar, ou ao menos tentar buscar, a verdade em meio ao turbilhão de informações ao qual esses jovens estão expostos. Tudo

com o objetivo maior de alertar para a importância de proteger os jovens alunos daqueles que difundem conteúdos falsos, perniciosos e potencialmente perigosos, que possam afetar seus desenvolvimentos socioemocionais.

Desenvolvimento

A Alegoria da Caverna

Platão utiliza, como personagens, Sócrates, seu mestre, e Glauco, que discutem sobre o conhecimento. Sócrates apresenta a seguinte descrição para ilustrar suas ideias. Imagine um grupo de prisioneiros acorrentados desde a infância no fundo de uma caverna, de maneira que só possam ver uma parede à sua frente. Toda a luz que recebem vem de uma fogueira ao longe, bem no alto.

Entre os homens e a fogueira, encontra-se um pequeno muro, “semelhante ao tapume que os exibidores de marionetes dispõem entre eles e o público, acima do qual manobram as marionetes e apresentam o espetáculo” (Marcondes, 2007, p. 62).

Ao longo desse muro, outros homens desfilam, carregando objetos com as mais diversas formas, que acabam por projetar suas sombras na parede observada pelos prisioneiros, fruto da luz que emana da fogueira. Alguns desses carregadores podem falar e outros não. Essas sombras são as únicas imagens que os prisioneiros podem ver, sendo essa a realidade para esses seres humanos acorrentados.

Considere que um desses homens viesse a liber-

* Cel Art R1 (AMAN/1986, ESAO/1994, ECEME/2002). Mestre em educação e licenciado em filosofia.

tar-se das correntes e a buscar a saída da caverna. Ao ver a luz do Sol, teria sua vista ofuscada e, apenas aos poucos, conseguiria ver as formas reais. Inicialmente, contudo, consideraria, como mais verdadeiras, as sombras que estava acostumado a ver. Apenas depois de algum tempo, poderia ver os objetos reais. Entre eles, o próprio céu e o Sol.

Consideremos que esse fugitivo, que viu a luz, retornasse ao interior da caverna e tentasse convencer os demais prisioneiros que eles não viam a verdade, e sim apenas ilusões da verdade, consubstanciadas nas sombras projetadas. Possivelmente, ele não receberia crédito e poderia ser até mesmo morto por tentar subverter algo já entranhado no ideário dessas pessoas.

Sócrates conclui afirmando a Glauco que:

Devemos assimilar o mundo que aprendemos pela vista à estada na prisão, a luz do fogo à ação do Sol. Quanto à subida e à contemplação do que há no alto, considera a ascensão da alma até o lugar inteligível... (Platão *apud* Marcondes, 2007, p. 65).

Marcondes (2007) faz a seguinte interpretação da alegoria. Os prisioneiros somos nós, homens comuns, presos a hábitos, preconceitos, costumes e práticas que adquirimos ao longo da vida. Essas são as correntes que nos prendem e nos fazem ver as coisas de forma “parcial, limitada, incompleta, distorcida como sombras” (Marcondes, 2007, p. 65). As sombras em si não são falsas, mas ilusórias, sendo apenas um vislumbre da realidade, sem, contudo, permitir ao prisioneiro distinguir mais nada, sendo assim tratadas como a única realidade possível de ser conhecida, o que oportuniza a ilusão. “O homem condicionado pelo modo de vida repetitivo, que não o deixa pensar por si próprio, só consegue ver as sombras” (Marcondes, 2007, p. 65).

Aqueles que carregavam os objetos e projetavam as sombras no fundo da caverna seriam os sofistas,

mestres da retórica e da oratória, e os políticos atenienses, que, pela argumentação, manipulavam a opinião das pessoas. Platão, em seu diálogo “O Sofista”, assim define a forma de atuação desses sofistas como:

A arte de suscitar contradições, advinda de um tipo insincero de mimetismo arrogante, da estirpe da criação de simulacros, derivada da fabricação de imagens, caracterizada como uma porção humana, e não divina, da técnica que se vale de um jogo ilusório de palavras – tal é o sangue e tal linhagem que, com justiça, podemos atribuir ao verdadeiro sofista (Platão *apud* Russel, 2015, p. 110).

Este texto demonstra a profunda crítica de Platão, herdada de seu mestre Sócrates, aos sofistas. É excessivamente dura, no entanto, com esses retóricos, na medida em que, por intermédio da argumentação, buscavam uma “verdade consensual”, não acreditando em uma verdade absoluta. Esse tema, contudo, é demasiadamente complexo e sua abordagem faria com que o texto derivasse de sua temática original.

Por outro lado, aquele que se liberta das correntes e foge da caverna não seria movido por nenhuma força externa, e sim pelo desejo de não se acomodar, não aceitar passivamente aquilo que lhe é mostrado como verdadeiro. É o filósofo que desenvolve o senso crítico, vê a luz do dia e o próprio Sol, que, para Platão, representava o “grau máximo de realidade, o ser em sua plenitude, a própria ideia do bem” (Marcondes, 2007, p. 66). Seria a luz que ilumina e se opõe à escuridão das trevas. O prisioneiro que chega à luz torna-se alguém que possui o saber, pois tem a visão do todo, abandonando a visão parcial que tinha na caverna.

O prisioneiro deve voltar à caverna. Mas por quê? Porque para Platão é missão político-pedagógica do filósofo não se contentar em atingir o saber, mas também difundi-lo, incentivando os antigos companheiros de prisão a trilharem o caminho do

conhecimento, mesmo correndo o risco de ser incompreendido e, até mesmo, morto, em uma clara alusão à morte de Sócrates (Marcondes, 2007).

Há mais de dois milênios, Platão preocupava-se com o conhecimento. O conhecimento verdadeiro, luminoso e edificante. Hoje a caverna e suas correntes são outras. As sombras da realidade são projetadas no mundo virtual e podem enganar, facilmente, àqueles que não tiveram a oportunidade de ver o Sol. A luz do conhecimento fortalecerá o senso crítico e a autonomia. A seguir, serão apresentadas algumas características das redes sociais e sua influência, em particular sobre os jovens, destacando o papel do professor.

As redes sociais e o papel do professor

Segundo Castells (1999), a tecnologia não determina a sociedade, nem tampouco a sociedade escreve o rumo da tecnologia, tendo em vista que

a criatividade intervém no processo de descoberta científica, inovação tecnológica e aplicações sociais, de forma que o resultado final depende de um complexo padrão interativo (p. 43).

Desse modo, o autor crê que o determinismo tecnológico é infundado, tendo em vista que a tecnologia é a sociedade, e que não se pode entender ou representar uma sociedade sem suas ferramentas tecnológicas. Assim, para entender o fenômeno das redes sociais, é necessário, ao menos, um breve mergulho na temática da sociedade informacional.

Raymond Barlow (*apud* Castells, 1999) assevera, sob a ótica da psicanálise social, que a formação de redes, embora aumente exponencialmente a capacidade humana de organização e integração, subverte o conceito ocidental de sujeito separado e independente. Esse conceito é o que impregna o pensamento humano desde os filósofos gregos, que tiveram no ser humano, como indivíduo único, o fundamento para

seus pensamentos filosóficos. Voltando à Alegoria da Caverna, vê-se o sujeito que viu a luz do conhecimento e tentou mostrar esse caminho aos demais prisioneiros. O grupo social, contudo, representado pelos acorrentados, não admitiria a possibilidade de estar vivendo em um mundo de sombras projetadas.

A comunicação mediada por tecnologias digitais oportunizou o surgimento de novas comunidades virtuais, que se reuniram em torno de identidades nas quais os sujeitos se reconhecem e constroem significados com base em determinado atributo social (Castells, 1999). Há de se observar, ainda, o enorme potencial de difusão de informação e de mobilização que possuem as redes sociais na internet (Recuero, 2009). Essas informações estão além do que é veiculado na imprensa tradicional, não estando, assim, sujeitas à checagem que a mídia tradicional tem, pela própria ética jornalística, a obrigação de proporcionar, a fim de buscar a verdade dos fatos.

Os *sites* que suportam as redes sociais são espaços públicos onde as pessoas podem se reunir com a mediação da tecnologia (Bloyd, 2007, *apud* Recuero, 2009). As informações que circulam nas redes sociais são, segundo Recuero (2009), “persistentes, capazes de serem buscadas e organizadas, direcionadas a audiências invisíveis e facilmente replicáveis” (p. 5).

Pode-se inferir que os adolescentes, integrando grupos nessas redes, estão sujeitos a todo tipo de informação, verdadeiras ou não, mas que podem, facilmente, proporcionar uma ilusão de verdade por envolver o capital social¹ (Bourdieu, 2007) representativo para esse grupo social.

Assim, torna-se fundamental restringir nossa observação sobre as gerações Z (nascidos entre 2000 e 2009) e Alfa (nascidos a partir de 2010), que estão mais afetas ao presente estudo. A geração Z já não é, apenas, influenciada pela tecnologia, mas fundamentalmente pela velocidade dessa tecnologia. As-

sim, são, de maneira geral, impacientes, querendo que tudo aconteça imediatamente. Segundo Fava (2014, *apud* Indalécio e Ribeiro, 2017), são jovens de muita atitude, mas com pouco aprofundamento nos conteúdos. Apreciam o reconhecimento e, muitas vezes, não reconhecem os riscos das redes sociais. Já a geração Alfa é fruto de uma sociedade que tem a tendência de ter filhos mais velhos e em menor quantidade, o que favorece o desenvolvimento de um maior senso de autoimportância (McCrindle, 2013, *apud* Indalécio e Ribeiro, 2017).

Nesse contexto, cabe ao professor criar estratégias pedagógicas que levem seus alunos a refletir, a questionar e a buscar o conhecimento verdadeiro, como o homem que sai da caverna e vê o Sol. E essas estratégias devem levar os alunos a não se deixarem enganar pelas “sombras” refletidas, não no fundo da caverna, mas nas telas dos mais diversos dispositivos.

Não se quer aqui demonizar as redes sociais, mas alertar para a constante necessidade de uma postura ética em relação ao que lá se apresenta, não acreditando em nada, sem que haja evidências de que seja verdadeiro. Esse papel de conscientização não é apenas dos professores, mas necessita ser compartilhado pelos responsáveis de cada jovem. As disciplinas escolares, contudo, em especial a filosofia, têm sua contribuição a dar no processo de formar o senso crítico necessário ao enfrentamento dos desafios dessa sociedade em rede. Cabe ao professor quebrar as correntes, para permitir que os alunos busquem o conhecimento e formem sua opinião, de forma consciente, com base na racionalidade, nos preceitos da ética e na sua própria subjetividade.

Conclusão

A analogia entre o que veiculam as redes sociais e a Alegoria da Caverna, como foi sugerido no início deste artigo, poderia parecer algo muito difícil de acontecer pela abissal distância temporal entre a

alegoria escrita por Platão em seu livro *A República*, há mais de 2.000 anos, e os avanços tecnológicos da sociedade contemporânea. Longe disso, porém, conforme foi abordado, há fundamentos para comparar as enganosas sombras projetadas no fundo da caverna e alguns conteúdos aos quais as pessoas estão expostas na internet.

A distinção, contudo, entre o mundo sensível (imperfeito) e o mundo das ideias (perfeito), existente na Alegoria da Caverna, não cabe aqui. O mundo virtual e real se confundem em uma visão mais aristotélica, na qual o mundo sensível e o inteligível não estão apartados. Cabe, pois, entender que as informações que bombardeiam as pessoas nas redes sociais podem estar longe da realidade, sendo sombras distorcidas dessa realidade, que podem atender a interesses diversos e até mesmo escusos. Como os céticos, devemos buscar constantemente a verdade (Marcondes, 2007), sendo críticos em relação a tudo que nos chega, sobretudo de fontes desconhecidas.

A maior proteção que os jovens podem ter para não se tornarem vítimas de falsos e/ou perniciosos conteúdos postados em redes sociais é a formação cultural sólida, que lhes dará critérios para a avaliação do mundo que os cerca. A postura reflexiva e crítica é seu maior escudo. Aqui entra o quinhão que cabe aos professores nessa construção. Ensinar os conteúdos é muito importante, mas igualmente importante é ter a postura do filósofo, de ensinar a pensar.

Por fim, o presente artigo procurou tão somente alertar para a necessidade de um ensino que não seja puramente cognitivista, e sim que leve à reflexão. A questão das redes sociais só tende a ser cada vez mais complexa, devido aos avanços tecnológicos e da inteligência artificial. Somente pessoas escudadas em sólida formação poderão usufruir dos benefícios dessa revolução informacional, correndo riscos aceitáveis, uma vez que, no mundo virtual, os perigos estarão sempre presentes.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **Escritos da Educação**. Maria Alice Nogueira, Afrânio Catani (Org.). Petrópolis: Vozes, 2007. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/06/BOURDIEU-Pierre.-Escritos-de-educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 10 abr 2023.

INDALÉCIO, Anderson Bençal; RIBEIRO, Maria das Graça Martins. Gerações Z e Alfa: **Os Desafios para a Educação Contemporânea**. Disponível em: <https://www.soudapromessa.com.br/wp-content/uploads/2017/10/234-1101-3-PB-2.pdf>. Acesso em: 10 abr 2023.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

NOVAES, Simone. **Perfil Geracional**: um estudo sobre as características das gerações dos veteranos, baby boomers, X, Y, Z, Alfa. In: VII Simpósio de Gestão de Projetos, Gestão e Sustentabilidade. Fundação São Leopoldo. Disponível em: <https://singep.org.br/7singep/resultado/428.pdf>. Acesso em: 10 abr 2023.

PLATÃO. **A República**. Disponível em: https://eniopadilha-com-br.usrfiles.com/ugd/5ca0e9_25f5954b7b7a4a76892d3650ec0cd36c.pdf. Acesso em: 10 abr 2023.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo**: Elementos para a Discussão, 2009. Disponível em: <http://raquelrecuero.com/artigos/artigoredesjornalismorecuero.pdf>. Acesso em: 10 abr 2023.

RUSSEL, Bertrand. **História da Filosofia Ocidental**. Livro I: A Filosofia Antiga. Tradução de Hugo Langone. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

ZANINELLI, Thais; CALDEIRA, Giseli, FONSECA, Diego Leonardo de Souza. **Veteranos, Baby boomers, Nativos digitais, Gerações X, Y e Z, Geração Polegar e Geração Alfa**: perfil geracional dos atuais e potenciais usuários das bibliotecas universitárias. Brazilian Journal of Information Science, n. 16, 2022. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8486480>. Acesso em: 21 abr 2023.

Nota

¹ Capital social é o conjunto de recursos atuais e potenciais que estão ligados à posse uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e inter-reconhecimento (Bourdieu, 2007, p. 65).